

Manoel Rebelo



PARANÁ

O ESPELHO

FUNDADORES

LEONCIO CORREIA - LEITE JUNIOR - GABRIEL RIBEIRO - THALES SALDANHA

ANNO III

Redacção
RUA 15 DE NOVEMBRO, 51
PARANÁ - BRASIL

Curitiba, 1 de Abril de 1900

Assignaturas
TRIMESTRE . . . 3\$000
Pagamento adiantado

N.º 13

O espelho de Brigantium

—Hospitaleira gente de Brigantium, quero perpetuar o meu reconhecimento para que a todo tempo saibam os deuses immortaes e os homens passageiros saibam...

—Assim falou Hercules, o forte, construindo junto do mar queixoso uma torre de pedra monumental e esplendida. No alto o vencedor heróico de Lebeu, collocou com o proprio punho um espelho maravilhoso.

—aus que velejaam por longe, por muito longe, refletiam-té no aço fulgurante.

Tirremes que fugiam pelas aguas remotas appareciam milagrosamente no prodigioso espelho. Os habitantes da cidade tinham sempre, perto dos olhos, os seus queridos que andavam ao sabor traioeiro do oceano—velas pandas ao vento, remos compridos n'agua, fugindo pelas ondas perdidas.

Namoradas iam, pelas manhãs serenas, consolar os olhos e suffocar saudades vendo os namorados que andavam muitas milhas affastados. Mães sorriam vendo os filhos a prôa, com os olhos voltados para o lado da terra natal, pensativos; creancinhas batiam as palmas reconhecendo os paes entre os marujos—e tudo o espelho de Hercules mostrava.

E sempre, sempre os de Brigantium tinham diante dos saudosos olhos os queridos do coração por mais longe que fossem!

Assim eu, minha flor! Longe, por mais longe que estejas, minha alma reflete a tua imagem suave, o

teu formoso rosto, o teu sorriso candido.

E, todo o meu coração com saudades e amor, crenças e melancholias, rejubila-se revendo-te, querida; como essa gente da cidade antiga se alegrava quando via os seus marujos viajeiros estampados no espelho, que lhe dera Alcide.

A alma é o espelho, a saudade a sombra—sombra dos queridos, a sombra dos desejados que nella se refletem—quer distancia os separem, quer os separem tumultos.

Nunca estás longe de mim, deca amor, estás sempre commigo, vejo-te sempre em minh'alma...sempre! sempre! sempre!

COELHO NETTO.



Apathia...

A cidade está em festa!

Homens, mulheres e creanças a trasbordar de jubilo, percorrem as ruas festivas.

O ambiente é puro; as plantas têm um perfume aromatico.

Tudo é alegria: o sol, mais esplendoroso do que nunca, esparge seus raios rutilantes; o gorgoejo dos passaros que vôam pelo espaço em alegres bandos, tem outra cadencia mais harmoniosa; o murmurar das limpidas aguas é suavissimo...noivos, vão, em doce enlévo, a odoríferos jardins colher flores que parecem sorrir mysticamente...Moços sentindo em suas veias o pulular do ardente sangue da mocidade, enthusiasmao-se e ledos, correm á ventura...

Por largo espaço estive embevecido nesta contemplação. Depois, admirado, exclamei:

Oh meu Deus! será possivel que eu ainda na flor da idade me conserve mudo e quedo ante o que a mocidade proporciona?...

Consultei a alma...estava inactiva. Convençi-me então de que eu era um apathico!

A. LEIRIA.



Minha Filha

Vejo-a atravez de um sonho, que me estrela A existencia:— No espaço conduzida Por de archanjos um bando, de aza erguida Que a phantasia a um plaustro de oiro atrélla.

Vel-a assim meu amor é estranho? Della A vida vem-me; embora a minha vida Veja eu nella, feliz, reproduzida Como em suave e suggestiva téla.

Do meu amor envolve-a o largo manto, Manto que, por humano, se é terreno, Sua innocencia santifica tanto!

Esse, que a vida enchendo, a alma domina; Que, sendo immenso, torna-se pequeno Para céo dessa deusa pequenina!

LEONCIO CORREIA.



Cartas de Paranaguá

29 de Março.

No momento em que lhes envio esta minha estimada, estou com o «espírito turbilhonando de recordações alegres e saudosas.» (vide aquelle «rondó», dessa agradável noite de sabbado passado, em que as brisas, comemorando o «seu primeiro quinquennio», (sem allusão ao officio dos moços admiradores), nos proporcionaram um agradável baile no Club Litterario.

Uma noite cheia, aquella!

Ainda nos meus ouvidos ecoam as blandicias chrystallinas d'aquellas que la estavam, — olhos carnosos, de estrelas, — faces alegres, labios em sorriso.

Gostei muito, mesmo, da festa das brisas.

Ah! como eu sinto não ser poeta, si não... havia de tambem vir com a minha lyra em punho, rindo e cantando a passagem triumphal das brisas «que têm transposto (?), serenas e calmas, como as auras das manhãs outomnaes, por sobre os mares agitados da difficuldade, sybillando sempre por sobre as praias florentes da Alegria, fruindo o perfume suave das rosas sorridentes», etc. etc. etc.

Para calorismo meu, nem ao menos dois dedos de proza, recheada de palavras bonitas, eu sei dizer.

No entanto, á despeito d'isso tudo, eu não deixarei de levantar um entusiástico hurrah á gentil Brisa da Mariuola, desejando que a sua nau, livrando-se «dos mares agitados da difficuldade», «este sempre nas «praias florentes da Alegria.»

E tenho dito.

No dia 25 do corrente distribuiu-se profusamente aqui o primeiro numero d' «O Athleta», organ da associação dos empregados no commercio.

O seu programma foi, mais ou menos, igual ao dos jornaes congeneres, com a particular addição de uma apologia feita á arte musical, por onde o articulista revelou-se um profundo admirador da fidalga arte que tanto tem engrandecido a bella Italia.

Entre os artigos de redacção, ficou agradavelmente perdurado no meu espirito um bem elaborado escripto sobre a desenfreada

jogatina, tão cynicamente afastrada nos dias que correm. Quem tal escreveu, não pode deixar de merecer os applausos dos homens sensatos.

Uma coisa, me hão de desculpar, me desagradou. Sou, como quasi todos os mortaes, SUPERSTICIOSO, e por isso em nada fiquei satisfeito quando vi, ao lado direito d'aquelle quadrinho que nominava os redactores, a desairosa individualidade d'um corvo abrigada ali no lado esquerdo.

Olhem que o corvo tornou-se mal visto desde aquella celebre viagem dos biblicos tempos...

Pois porque não puzeram uma pomba, que é o immaculado symbolo da esperanza!

Contudo, espero que o «Athleta» conquiste o logar a que tem direito, não deixando de propagar contra o jogo, concorrendo, assim, para ajudar a matar o bicho.

Nada mais posso desejar, porque, dos mais assignantes, vulgo — NARIZES DE FOLHA, — está o «Athleta» livre, mau grado, talvez, a alguma devotuição que tenha tido.

—MOT DE LA FIN—

Na noite de 24, ou, diria melhor, na manhã de 25, foi encontrado o seguinte verso, epigraphado com o busto incluso. Dizem que elle cahira do bolso de certo *felizardo*... Eil-o:



Eis aqui o teu retrato,
Amigo sincero e grato;
Repara com interesse
E verás si se parece,
Ne todo, até na feição,
Contigo, meu caro irmão!

De quem e com quem será?
Procederei o inquerito...

JOSE DO EGYPTO.

Ubirajara⁽¹⁴⁾

JOSÉ DE ALENCAR

(Continuação)

SERVO DO AMOR

Aracy, a estrella do dia, cantou:

—O amor do guerreiro é a alegria da virgem; quando elle foge, a virgem fica triste como a varzea que perden su relva.

«Por isso Jandyra está triste; o amor do guerreiro fugiu della; e a deixou solitaria como o nambú, a quem o companheiro abandonou.

«Mas o amor do guerreiro é como o orvalho da noite. Quando o sol queima a varzea, elle desce do céu para cobri-la de verdura e de flores.

«Aracy está alegre; porque o amor do guerreiro voltou-se para ella; e Jurandyr vai fazer a companheira de sua gloria e mãe de seus filhos.

«Quando a esposa de Jurandyr não tiver mais belleza para dar a seu guerreiro ella consentirá que Jandyra durma em sua rede.

«E o orvalho da noite d'escera do céu para mais cobrir a varzea de verdura e de flores. E Jandyra achará outra vez seu sorriso de n. el.

Assim cantou Aracy, a estrella do dia e a virgem araguaya respondeu:

—A arvore que morreu não soffre quando o fogo a queima. Jandyra prefere a morte á vergonha de ser tua e á tristeza de ver a cada instante a formosura da estrangeira que roubou seu amor.

«Aracy, a estrella do dia, é mais bella do que Jandyra, mas não sabe amar o guerreiro, que a escolheu para mãe de seus filhos.

«Nunca Jandyra offerencia sua rede de esposa a outra mulher; e aquella que recebesse o amor do seu guerreiro morreria por sua mão.

«Ella amaria seu esposo tanto que sua graça nunca se retirasse della; pois saberia morrer quando não tivesse mais belleza para dar.

«A nação araguaya nunca levanta a taba do valle onde acampou, si não quando a terra já não pôde dar-lhe mais fructos.

«Assim é o guerreiro. Elle não vtrá seu amor da esposa que habita, si não quando ella já não sabe alegrar sua alma.»

THEATRO DA GLORIA

A 25 do mez p. p. foi levado a scena pelo correcto Grupo dos Amadores da Gloria, o drama *Divida de Honra*, em 2 actos, da layra do Sr. Claudio Americano.

Este drama foi gentilmente enviado com dedicatória pelo seo auctor a esta redacção, que por sua vez dedicou aquelle grupo.

Os diversos papeis confiados aos dignos amadores, foram por elles desempenhados a contento geral.

Sendo como é, uma peça para pequenos theatros, foi ella muito bem ideada pelo Sr. Americano, em quem se reconhece de prompto bastante competência para trabalhos de mais folego.

A primeira representação deste drama teve lugar em Valença, Bahia, aos 30 de Abril de 99.

Durante o espectáculo tocaram as bandas de musica do 39º batalhão de infantaria e corpo de segurança, ambas gentilmente cedidas para mais brilhantismo da festa em homenagem ao anniversario do venerando Dezembargador Agostinho Ermelino de Leão.

Estiveram presentes o illustre Dr. Governador do Estado e o General Commandante do Districto, representado pelo Sr. Capitão Flarys.

Terminado que foi o espectáculo, o distinctissimo poeta, «o principe do jornalismo paranaense», Leoncio Correia, usando da palavra, pronunciou uma bellissima allocução enalteccendo os meritos do Alvo de todas aquellas manifestações.

Mandamos d'aqui os nossos applausos ao Grupo dos Amadores da Gloria, por mais esta victoria colhida em a noite de 25.

Bravos e pr'a frente!

Tornou a virgem tocantim;

—A cajazeira depois que dá seu fructo perde a folha; o guerreiro busca a sombra de outra arvora para repousar.

«Mas vem a lua das aguas e a cajazeira outra vez se cobre de folhas; sua sombra é doce ao guerreiro.

«A esposa é como a cajazeira. Quando o guerreiro não acha alegria em seus braços, ella soffre que busque outra sombra e espera que lhe volte a flor para chamal-o de novo ao selo.

«Aracy ama seu guerreiro, como Jacumim ama Itaquê. A cabana do grande chefe dos tocantins está cheia de servas; mas seu amor nunca abandonou a esposa.

«As servas deram a Itaquê muitos filhos; mas os filhos da valhice, foi só Jacumim quem os deu ao grande chefe; porque o primeiro amor do guerreiro não morre nunca.

«E'le é como gramí que nunca mais deixa a terra onde nasceu; podem arrancal-o que brota sempre»

«Aracy quer apagar a tristeza da tua alma e beber o teu sorriso de mel, para que o esposo ache mais doces seus labios, quando os provar.

Primos

I

— Boa noite, encantadora priminha.

— Adeus, querido Augusto.

— Que me contas de novo Ignez?

— Nada priminho, nada. Hoje não sahi de casa... Tu que vieste da rua deves saber alguma novidade...

— Eu nada sei tambem. Ha pouco sahi do emprego e vim direito aqui para te ver, querida. Não encontrei um só conhecido no caminho...

— Não foste ver os teus paes?

— Ainda não, priminha.

— Fizeste muito mal, então! Devias ir primeiramente á casa e depois...

— Depois o que?... Os velhos sabem que quando não vou á casa as 8 horas, estou gosando de tua amavel companhia, estou ao teu lado embebido no fulgor estranho dos teus olhares, contemplando esse teu rosto cheio de magia, ouvindo a tua voz melodiosa, priminha do meu coração.

— Sim?... Como o priminho está hoje!... Vamos jogar que é melhor, vamos Augusto? O burro?

— Não Ignez, não. Tenciono as 9 horas estar em casa. Mas... estás só priminha? Estás só?...

— Porque? Papae está lá dentro...

— E titia?

— Sahio com Luiza para fazer umas compras. Mas, Augusto não queres mesmo jogar o burro?

— Não querida priminha.

— Então vamos apostar lettras?

— Dás-me um beijinho?

— E papae?!

— Elle não vê, nem ouve...

— Pois bem dou-te um só...

II

— Apostamos agora, priminha?

— Sim, formosa priminha, apostamos, boa Ignez.

— Papae será o juiz...vou chamar-o... Espera um pouco Augusto.

III

— Titio, boa noite.

— Como vaes, Augusto?

— Menos mal, titio. E vossemecê?

— Já, assim, assim...

— Não podemos perder tempo primo.

Começamos pelo--K--... O meu... E o meu, prima.

— Qual dos dois é o mais bonito papae?

— O do Augusto filhinha.

— Ora papae...

Agora o -- L -- prima. O meu prompto...

— O meu tambem... papae veja...

— Ganhaste filhinha.

— Bravos! Primo o -- M -- ...o meu...

— Tambem o meu prima...

— Quem ganhou papae?

— Foste tu outra vez filhinha.

— Que injustiça titio. Vossemecê protege a priminha; o meu está mais bem feito.

— Não está Augusto. Eu sou bom juiz, faço toda justiça.

— O -- N -- prima... O meu...

— Tambem o meu Augusto.

— Ganhaste mais uma vez minha filhinha.

— Agora o -- O -- primo.

— Desta vez eu ganho, porque o -- O -- é a lettra minha favorita, a lettra que eu faço com capricho, com gosto. Me orgulho em dizer que tenho um -- O -- bonito...

— Prompto o meu...

— Tambem o meu... Quem ganhou papae?

— Ganhaste filhinha, ganhaste longe, muito longe.

— Titio não é bom juiz. Diz que é muito recto mas não é tal.

O meu -- O -- é mais bonito que o -- O -- de Ignez.

— Não é Augusto, não é. Vê só por gosto como é bonito o -- O -- de tua prima, como é grande...

— Está bom, titio; não contesto...

— Nem podes Augusto.

— Primo o -- P --

— Não quero mais prima.

— Porque Augusto?

— Porque eu pensei que o meu -- O -- ganhasse do teu e o titio disse que o teu -- O -- é mais bonito, é um -- O -- grande...

— Pois faz de conta que eu tenho um -- O -- bem pequeno e feio e que tu tens um -- O -- bonito, bem bonito e grande... Vamos, agora o -- P --

— Não priminha, não quero. São nove horas, vou para casa. Por hoje chega, amanhã...

— Amanhã mamãe será a encarregada do voto. Sim?

— Sim... Sim priminha.

FREI K. OLHO.

«Tu serás irmã de Aracy e lhe darás um filho de Jurandyr, tão valente, como os que seu amor ha de gerar no seio da esposa. Jandyra afastou os olhos da virgem dos tocantins, para desviar della sua ira.

«Uma palavra dóe como o espinho da justiça, que tem o côco mais doce que o mel.

«As flechas de teu arco não matam mais do que os sorrisos que o amor do guerreiro derrama em teu rosto, estrella do dia.

«Ubirajara deixou-me por ti; mas foi a Jandyra que elle primeiro escolheu para esposa, quando ainda era joven caçador.

«Nos campos alegres, onde vão os guerreiros quando morrom, elle me chamará; e o guanunby virá buscar a minha alma no seio da flor do manacá para levá-la a seu amor.

«Mata-me ou deixa que eu morrá para não ver mais tua belleza e não ouvir o canto de tua alegria.

Aracy caminhou para Jandyra e desatou-lhe os pulsos.

— O amor do guerreiro não pertence á mulher que seus olhos primeiro viram; mas áquella que elle escolheu.

«Apanha teu arco: e morra aquella que não souber defender seu amor e merecer o esposo.

Aracy disse, e tirou da tiraçaba uma seta. Jandyra ficou immovel, com os pulsos cruzados, como si ainda estivessem presos;

— A vontade de Ubirajara atou os braços de Jandyra; ella rejeita a liberdade dada por ti. Aracy pôde ser preferida; porém, não será mais generosa do que a filha de Mugé.

VI

O COMBATE NUPCIAL

Chegou o dia, em que os noivos de Aracy, deviam disputar a posse da formosa virgem.

Era a hora em que o sol, traspondo a crista da montanha, estende pelo valle sua urassola d'ouro.

A grande nação tocantin cerca a vasta campina. No centro estão os anciões, que formam o grande carbetto.

Em frente apparece Aracy, a estrella do dia, que ha de ser o premio da constancia e fortaleza do mais dextro guerreiro.

Jacamim acompanha a filha; nesse momento remoeça com a lençanga do dia em que Itaquê a conquistou, lutando com os mais feros mancebos tocantins.

De um e outro lado seguem pela ordem da idade os moçaras. Cada um cerca-se da esposa, das servas e das filhas, que vieram para assistir ao combate.

E a unica das festas guerreiras em que o rito de Tupan consente a presença das mulheres, porque se trata de sua gloria.

Contemplando o esforço heroico dos mais nobres guerreiros para conquistar a formosura de uma virgem, as outras virgens aprendem a presar a castidade e as esposas se ufanam de guardar a fé no primeiro amor.

Itaquê, o grande chefe dos tocantins, preside ao combate, orgulhoso pela valente nação que dirige, como pela formosa virgem, de que é pai.

Quando seus olhos admiram a multidão de guerreiros, servos do amor de Aracy, que se preparam a disputar a esposa, o grande chefe ergue a fronte soberba como o velho ipé da floresta coroado de flores.

Os noivos se distinguem dos outros guerreiros pelo bracelete de contas verdes, que o guerreiro cinge ao pulso da esposa, quando rompe a liga da virgindade.

Lá caminha Pirijá, o grande pescador, senhor dos peixes do rio, a quem obedece o manaty e o golpinho.

(Continúa)

O Anniversario

«CAPITAL PAULISTA» — a victoriosa revista de Arte, que sob a sábia redacção dos distinctos Srs. Francisco Gaspar e Aristides Pinheiro, já ha 2 bem aproveitados annos lucta pelo Ideal, disse, pela penna de um dos seus redactores em forma de dedicatória em o seu n. 9:

«Não temos recebido «O Sapo» ha mais de um mez.

Pede-se remessa, pois o elegante jornal é muito apreciado aqui na redacção da «Capital Paulista».

Sabemos que o «Sapo» fez annos. Comprimntamol-o effusivamente e pedimos o n. do anniversario.»

«A ARTE» — pequena folha litteraria e humoristica, Taubaté, S. Paulo:

«O Sapo» anno III, numero 9 do dia 6 do corrente, cheio de festas e flôres de rethorica, appareceu-nos n'uma ponta unica, commemorando o anniversario de sua fundação. Traz uma Polka-cançonetta de B. Nicolau dos Santos, intitulada O Sapo, além de bem feitas poesias e bellos artigos em prosa. Felicitações.»

«A Voz no Povo» — folha popular e litteraria, tambem de Taubaté:

O Sapo — Completou a 6 do corrente o seu 3º anno de existencia esta excellent revista Paranaense onde fulguram as principaes pennas daquelle Estado.

Fazendo votos para que o sympathico collega tenha uma vida longa, enviamos-lhe as nossas saudações.

«TRIBUNA POPULAR» — a importante folha hebdomadaria de Itapetininga, sob a direcção de Antonio Galvão;

«O Sapo» — Entrou no dia 6 do corrente, em seu 3º. anno de existencia, o hebdomadario que, com o titulo que esta encima, sai á luz em Curitiba.

O n. commemorativo dessa data, que acabamos de receber, além de excellent texto, traz uma linda polka de Nicolau dos Santos, e, na pagina de honra, o retrato dos fundadores d'O Sapo: Leite Junior, Leocadio Correia, Gabriel Ribeiro e Thales Saldanha.

Ao brilhante semanario, nossas cordaes saudações.»

«CORREIO BROTENSE» — de Brotas, S. Paulo, organ imparcial:

«O Sapo» Este brilhante semanario litterario que se publica na capital do Paraná completou no dia 6 do corrente o seu segundo anno de existencia.

Queira o illustre collega aceitar as nossas felicitações.»



«Larvas»

Larvas, eis o nome escolhido pelo poeta Cardoso Junior, para o seo livro de estreia.

Nos distinguui com simples, mas, ao mesmo tempo pomposa dedicatória.

A capa do novo livro é devida ao lapis de Izaltino Barboza, e perfeitamente de accordo com o nome.

Gratos pela lembrança, ainda nos faz bem a leitura que fizemos e nos deo lugar a podermos effusivamente comprimentar ao novel auctor.

O Mar

—Vês aquelle mar eternamente gemedor, eternamente soluçante e mysterioso?...

—Vês aquella vaga saltitante e nivea, leve e ligeira, idyllica e cantante; aquella vaga, sereia maviosa, que falla e ri, que chora e canta, que gemê e soluça, sempre... sempre... — aos raios frescos e luminosos das estrellas, essas canções terrissimas lá das alturas infinitas?

—Vês aquelle batel fragil e oscilante que, cego de rumo, pobre de luz, baldo de infelicidade, — voga mar a dentro... horisonte em fóra!

O mar é o meu coração, revoltado e gemedor, profundo e nebuloso, que vive a sonhar umas cousas encantadas e a querer umas cousas impossiveis...

A vaga é a poesia — cavatina d'alma, sorriso d'ouro, lagrimas de aurora... rindo e cantando pelas manhãs radiosas... soluçando e rindo pelas tardes mornas da vida!...

E o batel é a sombra fugitiva de glorias e tambem de destroçadas esperanças.

J. I. RIBEIRO.



Espalha-se...

...que o Veiga de collaboração com o Valente trabalha em novo, correcto e augmentado orador popular...

...que o mesmo diz ser de muita utilidade, porquanto os que existem omittiram a secção — engrossamentos...

...que por fallar n'isso, o homem em vez de ficar ou continuar *xavier* foi levado na onda até a praia da retribuição com todos os ff e rr...

...que falla-se por ahi n'uma possível revolução no Azul (céo)...

...que com isto o frontespicio pouco soffrerá...

...que — Pah, Pah, Pah...

...que falla-se no proximo levantamento de uma escola que terá o nome de — alencarismo...

...que ella romperá o casulo de um modo *vicoso* e...

...que não devo estender-me muito...

SAPINHO.

«O Athleta»

25 de Março de 1900.

Mais um. Este surgiu na pittoresca cidade da marinha — Paraná — o jardim do Paraná, o berço de Fernando Amaro, Julia Lopes, Nestor Victor, Leoncio Correia e tantos outros romeiros do Ideal que, tão alto têm sabido levantar o nome d'Aquelle pedaço — Azul.

A sua redacção está confiada aos dignos moços Olegario Lisboa e Antonio Rodrigues.

E' organ da Associação Paranaense dos Empregados do Comercio.

Distribuição gratuita.
Os nossos applausos.



Alto lá

«...ou o sapo emocionar-se na contemplação de uma tarde de oiro, céu aquarelado de purpuras sangrentas, franjando o azul delicioso, que levanta da terra para o céo a escada mystica pela qual ascendem os Jacobs do Coração e do Talento? Polybio — Pela «A Republica» de 28 de Março de 1900.

Alto lá! Não lembrou-se então o Polybo digo polybio, que existe um Sapo capaz não só de «emocionar-se na contemplação de uma tarde de oiro», como tambem de emocionar-se pelo Bello e pelo Sublime e pela Arte emfim, esta em cujo nome, oh! delicioso Polybio, andas pra'hi a ferir os ouvidos com as tuas *embruganelicas* chronicas?!

Correio

Zé Cego — Pr'a outro...

Cyreno Lus — Um pouco menos de pornographia e a sua produção seria um primor da nova escola. Corrija-se e volte, querendo.

Zé-Pereira — A sua produção muito semelhante têm com o tão desastrado e decantado governo transacto.

Eis a razão porque não nos foi sympathica.

Dr. Bldicas — (Lapa) — Muito agradecidos somos pelas lembranças enviadas ao «Sapo»; e pede-nos elle: que ao caro amigo enviemos um beijo. Como vio foi bem recebido.

Jado Typo — Como o seu nome bem exprime nunca passará d'um typo. Escute, e uma vez pr'a todas: o «Sapo», se não combate pela Arte, este Ideal tão mal interpretado cá entre nosso meio litterario, é um jornal limpo e por conseguinte incapaz de servir de archivo as suas babózeiras.

Outra freguezia...